



**DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO  
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

**FÁBIO DA SILVA SANTOS**

**A PEDAGOGIA CRÍTICA DE IMMANUEL KANT**

**LAVRAS – MG**

**2020**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE LAVRAS  
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO  
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

**FÁBIO DA SILVA SANTOS**

**A PEDAGOGIA CRÍTICA DE IMMANUEL KANT**

Trabalho de conclusão de curso de Pedagogia Licenciatura (presencial) do Departamento de Educação (DED) da UFLA apresentado pelo graduando Fábio da Silva Santos, matrícula 201711971, desenvolvido sob orientação do **Prof. Dr. Vanderlei Barbosa.**

**LAVRAS – MG**

**2020**

## **AGRADECIMENTOS**

À nação brasileira, por manter as Universidades e Institutos Federais, possibilitando o acesso ao conhecimento e a realização do sonho de muitos.

Ao professor e orientador Dr. Vanderlei Barbosa, pela simplicidade, paciência e dedicação ao ensino de filosofia, a quem devo a construção desta monografia.

Aos professores do Departamento de Educação, especialmente a prof.<sup>a</sup> Dra. Ilsa do Carmo Vieira Goulart.

Aos colegas de curso, pelos momentos de prosa, risos, dúvidas, angústias e esperanças com a educação.

Em especial a minha mãe Eva Auxiliadora pelo apoio, a Elaine Andrade pela cumplicidade, aos amigos, André Salatiel e Miriã Alexandre, pelas constantes conversas, sugestões, a quem devo, também, esse trabalho.

*“É entusiasmante pensar que a natureza humana será sempre melhor desenvolvida e aprimorada pela educação, e que é possível chegar a dar àquela forma, a qual em verdade convém à humanidade. Isso abre perspectiva para uma futura felicidade da espécie humana.” (KANT, 1999, p. 16-17)*

# A PEDAGOGIA CRÍTICA DE IMMANUEL KANT

## RESUMO

Neste trabalho o propósito é resgatar o pensamento de Immanuel Kant em sua obra *Sobre a Pedagogia*. O filósofo concebe a educação como uma arte, cuja prática necessita ser aperfeiçoada por várias gerações. Para tal empreendimento pedagógico Kant oferece um panorama completo de como deve ser a educação das crianças, desde cuidado do corpo, disciplina, intelecto e a moralidade. São esses pressupostos kantianos que vamos buscar explicitar analiticamente ao longo da pesquisa porque vemos neles potente atualidade para a educação.

**Palavras chave:** Autonomia. Caráter. Disciplina. Educação. Infância. Moral.

## ABSTRACT

In this work the purpose is to rescue the thought of Immanuel Kant in his work *On Pedagogy*. The philosopher conceives of education as an art, whose practice needs to be perfected by several generations. For this pedagogical endeavor Kant offers a complete overview of what the education of children should be like, from body care, discipline, intellect and morality. It is these Kantian assumptions that we are going to seek to make analytically explicit throughout the research because we see in them a potent relevance for education.

**Keywords:** Autonomy. Character. Discipline. Education. Childhood. Moral.

## Introdução

O tratado “Sobre a Pedagogia” de Immanuel Kant parte de uma coletânea de aulas ministradas para o curso de pedagogia na Universidade de Königsberg (1776/77, 1783/84 e 1786/87), publicado em 1803, pelo discípulo Theodor Rinck. Na obra o filósofo alemão expõe orientações, considerações e implicações sobre a educação. Olhando conceitualmente para a natureza humana como sensível e racional, Kant divide o processo educacional em educação: física e prática ou moral<sup>1</sup>.

A educação física refere-se aos cuidados prestados ao bebê e a criança, propriamente a saúde do corpo e o desenvolvimento do aparelho mental. A mesma arte física como disciplina ocupa de dominar as inclinações insociáveis. Kant se demonstra preocupado com a espécie humana, que se autodestrua. Assim, ressalta que a própria Natureza inseriu no espírito humano a sociabilidade racional, para que possa trançar o seu destino em bases morais.

A própria moralidade para Kant (2009) é o esforço da razão, tão lento e gradual para de extrair de si mesma a lei moral. Contudo, as crianças por não nascer moral, nem dispor de condições racionais morais, outros devem começar a ensiná-las. “De fato como poderíamos tornar os homens feliz, se não tornarmos morais e sábios” (KANT, 1999, p.28).

Segundo Kant, a educação moral forma o caráter infantil, como a firme disposição de obedecer voluntariamente aos deveres da razão prática. Para tanto as crianças são submetidas aos deveres em relação a si mesma e a humanidade, além das regras do lar, as leis civis e as convenções sociais. Ainda que, o educando demonstre disciplinado, inclinado a agir moralmente, o processo educativo moral continua o seu curso enquanto durar a menoridade moral.

O projeto pedagógico kantiano se fundamenta sobre os ideais do iluminismo do século XVIII, em que as luzes da razão se propagam sobre a política, moral, religião, ciência e a educação. Apesar do otimismo com o progresso, a sociedade alemã para Kant não havia alcançado o esclarecimento, tão pouco a moralidade, justamente por ser uma

---

<sup>1</sup> “A pedagogia ou, a doutrina da educação, se divide em física e prática. A educação física é aquela que os homens têm em comum com os animais, ou seja, o cuidado com a vida corporal. A educação prática ou moral (chama-se prático tudo o que se refere à liberdade) é que diz respeito à construção (cultura) do homem, para que possa viver como um ser livre, o qual pode bastar-se a si mesmo, constituir-se membro da sociedade e ter por si mesmo um valor intrínseco” (KANT, 1999, p.34).

decisão da vontade singular. Os cidadãos que alcançam o estado de maioridade ou esclarecimento são aqueles que fazem o uso do próprio entendimento na esfera pública e privada <sup>2</sup>.

Nessa perspectiva, a pedagogia crítica kantiana contribui para refletirmos a educação infantil contemporânea. Apesar dos avanços em relação aos direitos, teóricas e práticas pedagógicas que atendam especificidade da criança, para o filósofo a educação propriamente humanística continua como ideal pedagógico de toda cultura. A educação, portanto, deve ser cosmopolita, cuja arte de educar de geração a geração cuida da verdadeira formação (*Bildung*), ou seja, a moralização e autonomia do indivíduo em prol do progresso da espécie humana.

A pesquisa se realizou de maneira bibliográfica, dividida em três tópicos: a pedagogia das luzes em Kant; do cuidado do corpo ao desenvolvimento intelectual infantil; a formação do caráter moral na infância. De modo geral, buscamos explicitar que educar para Kant significa desenvolver as disposições naturais da criança para o bem comum. Com a sociedade cada vez mais globalizada, a primazia das políticas educacionais para com o desenvolvimento técnico-científico, deixa de cuidar como devido da formação de uma vida ético-política com os educandos.

## **1. A Pedagogia das Luzes em Kant**

A pedagogia crítica de Kant não se separa de sua história, a qual tem início desde anos de colégio ao ensino universitário. Contudo, as suas reflexões filosóficas e pedagógicas floresceram nitidamente na fase de maturidade, principalmente com o iluminismo, marcado pelas mudanças significativas em diversos âmbitos das relações sociais, políticas, econômicas, éticas e culturais. É nesse contexto, que Kant verá na educação pública a possibilidade de um novo paradigma se concretizar, tendo em vista a formação epistemológica, técnica, cultural, ética e libertadora dos educandos.

Nascido em 22 de abril de 1704 na cidade de Königsberg, em Alemanha (atualmente Kaliningrad, Rússia), Immanuel Kant foi o quarto filho de nove irmãos. A mãe, Anna Regina Reuter, faleceu quando Kant tinha 14 anos, com 22 anos de idade perde o pai, o artesão Johann Georg Kant. De família simples, o pequeno Kant estudou no internato,

---

<sup>2</sup> No curto artigo: “Resposta à Pergunta: o que é esclarecimento?” publicado no jornal *Notícias de Büsching*, em 30 de setembro de 1784, Kant nos apresenta a sua concepção de liberdade. O século XVIII será marcado pelo otimismo da sociedade europeia pelas conquistas em diversos âmbitos das relações sociais, científicas, políticas e artes. No entanto, para o filósofo alemão a verdadeira reforma só poderia ser realizada no e pelo próprio sujeito. Trata-se de responsabilizar pela própria emancipação, a fim de orientar pela própria razão.

Collegium Fridericianum, entre os anos de 1732 a 1740, por indicação do pastor e amigo da família, Fraz Albert Schulz (1692-1763).

Nos primeiros anos escolares Kant aprendeu a ler, escrever, além de uma precária ciência da natureza, pelo fato dos professores priorizarem os estudos teológicos (DALBOSCO, 2009). Já nos tempos de ginásio o currículo pautava-se em matemática, gramática, contando com forte predomínio na carga horária do latim e da religião protestante (o pietismo).

Entre 1740 a 1746, Kant cursa graduação em filosofia na Universidade Albertina, em Königsberg. Apesar da predominância dos cursos de medicina, teologia e direito, o jovem acadêmico pode se aprofundar nos estudos de filosofia e da ciência natureza: física e matemática. Embora, fosse disciplinado e autodidata, o aluno Kant tivera dois professores que influenciam na maneira de ver o papel do professor. A pensar por conta própria, a filosofar, é o que excitava os alunos o professor Johann Friedrich Heydenreich, nos anos de colégio, na universidade, o professor Martin Knutzen (DALBOSCO, 2011).

Com a morte do pai, o promissor filósofo deixa a vida acadêmica para se sustentar como preceptor, entre os anos de 1748 a 1754. Morando em casa de famílias ricas, Kant não só aprendeu os estilos da elite, a experiência com crianças e adolescentes pode se aprimorar como professor, desenvolvendo práticas didático-pedagógicas precisas. Entretanto, o que de fato o recém filósofo almejava era ocupar a cátedra acadêmica.

Em 1755 Kant defende a tese de doutorado, passando a exercer na Universidade de Albertina a livre docência. Todavia, não se trata de professor efetivo, o que significa recebia de acordo com o número de alunos que frequentam os cursos ministrados por ele. Somente em 1770, Kant conquista o cargo público tão almejado de professor titular em Filosofia, para as disciplinas de lógica e metafísica, em Albertina.

Na mesma universidade Kant exerceu o cargo de diretor e mais tarde reitor, conciliando a sala de aula com as pesquisas e publicações. Sem nunca ter saído de Königsberg, se não durante os anos de preceptoria (não mais 80 000 Km), Kant se aposenta com méritos em 1797. Vindo a falecer em 12 de fevereiro de 1804.

Immanuel Kant representa uma das figuras de maior expressão do pensamento iluminista. Partindo de filósofos, economistas, políticos e burgueses, descontentes com o regime absolutista, o movimento denominado de iluminismo, ilustração ou esclarecimento, atingiu seu ápice na entre os séculos XVII e XVIII, na França, Inglaterra, mas foi na Alemanha que o movimento recebeu um novo conceito. Os pensadores iluministas de maior destaque foram John Locke (1632-1704), Voltaire (1694-1778),

Jean-Jacques Rousseau (1712-1778), Montesquieu (1689-1755), Denis Diderot (1713-1784), Adam Smith (1723-1790).

O projeto iluminista para com a sociedade atendia especialmente aos interesses da burguesia emergente, nem por isso, os pobres deixaram de serem protagonistas, os mais ilustrados exigiam propriedade privada, direito e dignidade. Em geral, as reivindicações pautavam pela constituição de um Estado democrático e laico, igualdade jurídica, liberdade de expressão e tolerância religiosa (SANTOS, 2013). Um dos marcos do movimento iluminista foi a Revolução Francesa em 1789, pondo fim ao Estado absolutista.

Os cidadãos que vão surgirem dos ideais iluministas serão capazes de orientar por valores sociais, científicos, morais, de proporem leis e de lutarem pela pátria. Para tanto, os iluministas vão reivindicar a instrução pública e gratuita para todos, contrariando o *status quo* (estado vigente), do ensino erudito e elitizado. Contudo, os próprios iluministas vão divergirem entre si, nem todos estavam de acordo quanto à igualdade na educação.

A tese iluminista defendia que somente a educação da razão, não há providência divina, seria capaz de levar os homens ao seu destino, ou seja, a justiça social, a moralidade e ao esclarecimento (BRESOLIN, 2016). No entanto, houve aqueles que propuseram modelos de educação segregada, por temerem ao próprio esclarecimento das camadas populares, que a leitura, a escrita, o cálculo e a crítica, lhes afastariam do trabalho braçal (BOTO, 1996). Ainda assim, gradativamente a educação deixará ser um luxo para poucos, tornando se uma necessidade econômica, política, social e libertadora.

A educação intelectual deixa ser exclusivamente de responsabilidade da família e da igreja, mas do Estado moderno e laico. Isso porque, a revolução industrial empreitada pela alta burguesia emergente determinará saberes uteis e inúteis. Através da voz de iluministas, cientistas, engenheiros, industriais e empreendedores, o currículo (*trivium*: gramática, lógica e retórica, e *quadrivium*: geometria, aritmética, astronomia e música) ditado pela escolástica perderá aos poucos a primazia nas academias e nas instituições escolares.

Na contramão da concepção de educações iluministas, o aluno Kant não receberá qualquer prática educativa que visasse à formação de um espírito livre. O ambiente de ensino que lhe acolheu se caracterizava pela submissão cega aos dogmas escolásticos, com punições físicas, morais e psicológicas (DALBOSCO, 2011). Contudo, o que faz de

Kant<sup>3</sup> um iluminista ilustrado são as concepções inovadoras sobre política, ética (moral), progresso, história, religião, Estado, epistemologia, direito e educação.

Como iluminista Kant depositará a fé na potencialidade da razão no âmbito moral, epistemológico e singular. O que podemos encontrar na obra, *Fundamentação da metafísica dos costumes*, em que desvincula a ação moral dos dogmas e mandamentos religiosos para a esfera da razão. Na *Crítica da razão pura*, apresenta os limites da razão e da experiência ao criticar a ambição da metafísica em querer conhecer: Deus, imortalidade da alma e a liberdade, porém podem ser pensados. Já no ensaio, *O que é iluminismo* de 1784, Kant lança mão da concepção de emancipação, como aquele que dispensou a tutela alheia para pensar por conta própria. Segundo o filósofo,

Esclarecimento [Aufklärung] é a saída do homem da sua menoridade, da qual ele próprio é culpado. A menoridade é a incapacidade de fazer uso do seu entendimento sem a direção de outro indivíduo. O homem é o próprio culpado dessa menoridade se a causa dela não se encontra na falta de entendimento, mas na falta de decisão e coragem de servir-se de si mesmo sem a direção de outrem. Sapere aude! Tem coragem de fazer uso de teu próprio entendimento, tal é o lema do esclarecimento [Aufklärung]” (KANT, 1985, p.100).

Aos olhos do filósofo, mesmo o Estado despótico de Frederico Guilherme II (1786-1787) ao conceder mais liberdade para os cidadãos usufruir da crítica do pensamento, muitos prefeririam se eximir de tal responsabilidade (SANTOS, 2013). Apesar da liberdade da crítica sobre o que bem quiser, Kant (1985) salienta sobre a obrigação de obedecer às autoridades, leis e demais hierarquias, por considerar que as mudanças deveriam ocorrer gradualmente dentro da ordem civil. Assim, no uso privado da razão os cidadãos se submetem a tradição, aos deveres e as leis, porém no uso público<sup>4</sup> são livres para duvidarem, investigarem, debaterem e proporem mudanças.

É nesse cenário da época, de liberdade crítica, econômico, política e social, que Kant verá a primazia da educação pública em relação a doméstica, “não somente em relação à habilidade, mas também com respeito ao verdadeiro caráter do cidadão”

---

<sup>3</sup> Para melhor compressão da filosofia kantiana, os historiadores a dividem em dois períodos: o pré-crítico e crítico (DALBOSCO, 2011). A primeira corresponde a fase de juventude, período marcado pelo conflito entre racionalistas e empiristas, Kant sofre influência racionalismo libniziano-wolffiana e da física newtoniana. A partir de 1770, o período crítico, embora até 1780 seja conhecido como década silenciosa, Kant já maduro, apresenta um pensamento autônomo. As publicações das três críticas marcam a autenticidade e completude de sua filosofia, são elas: *crítica da razão pura* (conhecimento) em 1781, *crítica da razão prática* (moral) em 1788, e a *crítica da faculdade do juízo* (experiência estética) em 1790.

<sup>4</sup> “Respondo: o uso público de sua razão deve ser sempre livre e só ele pode realizar o esclarecimento [Aufklärung] entre os homens. [...] Entendo, contudo sob o nome de uso público de sua própria razão aquele que qualquer homem, enquanto Sábio, faz dela diante do grande público do mundo letrado. Denomino uso privado aquele que o sábio pode fazer de sua razão em um cargo público ou função a ele confiando” (KANT, 1985, p.104).

(KANT, 1999, p. 31). Os projetos pedagógicos eclesiásticos por estarem aparadas em bases religiosas ou ligados à doutrina cristã deixavam a desejar em relação as mudanças de paradigmas. Assim, a educação capaz de atender as necessidades da sociedade do século das luzes deveria se consolidar sob as bases científicas, jurídicas, liberais e morais.

Isso que, Kant encontra no Instituto Filantrópico em Dessau<sup>5</sup>, cujo fundador Joahann Bernhard Basedow (1723-1790), com apoio da corte local inaugura a reforma no ensino. Em vez de priorizar o intelectualismo, os dogmas religiosos, os professores tinham liberdade pedagógica para ensinar. Os alunos aprendiam a ler o mundo através de experimentos físicos, químicos e matemáticos, atividades lúdicas com jogos e brincadeiras, caminhadas ao ar livre.

O instituto em Dessau representava na prática a educação para o esclarecimento, a qual o Estado deveria investir para Kant (BRESOLIN, 2016). Não que o filósofo como educador atribui ao projeto de Basedow um modelo completo educação, tão pouco que o Estado deveria moldar as escolas, os alunos, a sua imagem. Mas, por acreditar que educação pública<sup>6</sup> ou formal, exercida por profissionais qualificados, morais e esclarecidos, superaria alguns em parte a educação dos escolásticos, reforçando os valores do lar, sociais e morais.

Mais que dominar as técnicas, letras e cálculos, a educação para Kant deve ensinar as crianças a dominarem a si mesmas, enquanto ser instintivo, político, social e moral. Tal empreendimento inicia-se na infância, mediante práticas pedagógicas que permitam os alunos a realizar a passagem da menoridade (heteronomia) para maioridade (autonomia). Trata-se de humanizar o ser humano, de uma educação cujo motor não é mecânico, mas racionalizada, fundamentada nos princípios morais da razão, “isto é, segundo a ideia de humanidade e da sua inteira destinação” (KANT, 1999, p.22).

---

<sup>5</sup> Crê-se geralmente que não é preciso fazer experiência em assuntos educacionais e que se pode julgar unicamente com a razão se uma coisa será boa ou má. [...]. Vê-se, pois, que, sendo nesse assunto necessária a experiência, nenhuma geração pode criar um modelo completo de educação. A única escola experimental que até agora começou de algum modo a trilhar esse caminho foi o Instituto de Dessau” (KANT, 1999, p.29).

<sup>6</sup> “A educação é privada ou pública. [...]. A prática dos preceitos fica reserva à primeira. Uma educação pública completa é aquela que reúne ao mesmo tempo, a instrução e a formação moral. Uma escola na qual isto é praticado chama-se Instituto de Educação” (KANT, 1999, p.30).

## 2. Do cuidado do corpo ao desenvolvimento intelectual infantil

A educação física como a primeira etapa, “consiste propriamente nos cuidados materiais às crianças ou pelos pais, ou pelas amas de leite, ou pelas babás” (KANT, 1999.p.37). A mesma arte dedica ao desenvolvimento do aparelho mental e das habilidades técnicas para o mundo do trabalho. Apesar de, ser coexistente com a educação prática ou moral, a própria natureza coloca a primazia de uma arte para a entrada da outra.

Hoje, pode não parecer tanta novidade as orientações de Kant, por exemplo, não dar leite de animais ao recém-nascido, antes o colosso do leite materno. Tomar cuidado ao agasalhar o bebê, a fim de evitar que o corpo fique super aquecido. Entretanto, as descobertas da ciência do século XVIII sofrem com a resistência dos vestígios medievais, ou seja, as práticas religiosas, superstições e hábitos, sem fundamentos no tratamento de doenças e na conservação da saúde.

O que Kant orienta, a saber, de identificar o que é real do fantasioso. Qualquer prática que contrarie o desenvolvimento natural da criança é educação negativa, exemplo do uso de meios artificiais sem recomendação médica, enrolar faixas na cabeça para o bebê não se machucar ao cair, o uso de andadores para andar mais cedo. A exemplo da educação natural de Rousseau<sup>7</sup>, o melhor remédio para Kant seria deixar os pequeninos aos cuidados da própria natureza, nada acrescentando além de suas próprias necessidades.

A parte positiva da educação física corresponde a corporeidade, isso é, a expressão do corpo em sua totalidade, de sua motricidade, inteligência, sensibilidade e transcendência (Vilma; Wagner, 2012). A criança deve aprender como, e quando, usar a força, movimentos, agilidade, diante das circunstâncias, seja elas físicas ou brincantes. “Assim, por exemplo, deve poder passar por caminhos estreitos, subir montes escarpados de onde se possa ver o abismo, caminhar sobre bases balançantes” (KANT, 1999, p. 54).

O jogo de bola é um dos melhores para as crianças, pois requer a corrida benfazeja. Em geral, os melhores jogos são aqueles que, além de desenvolver a habilidade, provocam exercício dos sentidos; por exemplo, o exercício da visão, ao julgar com exatidão à distância, a grandeza e proporção, ao descobrir as posições dos lugares conforme as regiões do céu com ajuda do Sol, e assim, por diante: todos esses exercícios são muitos bons. É igualmente muito útil

---

<sup>7</sup> O livro de Jean-Jacques Rousseau cujo título “Emílio ou da Educação” escrito 1762, e proibido pelo parlamento de Paris no mesmo ano, revolucionou a pedagogia dos séculos seguintes, ao propor a educação natural na primeira infância. Para Pinheiro (2007), “[...], o fato é que Rousseau exerceu influência douradora nas ideias morais e pedagógicas de Kant, o qual chegou a considera-lo como um “Newton da moral”. Na mesma linha, Dalbosco (2011, p.103), “Emile forneceu a Kant um vasto material de crítica ao intelectualismo pedagógico reinante da época”.

cultivar o ouvido das crianças para distinguir se algo está longe ou perto, ou de que lado (KANT, 1999, p.55).

Ao propor jogos e brincadeiras na educação infantil Kant rompe com as práticas tradicionais de ensino-aprendizagem dos escolásticos. Para Pinheiro (2007), ele segue o exemplo de Rousseau, de que a educação da criança deve atender a especificidade de sua razão e sensibilidade. Exemplos daquelas atividades pedagógicas que trabalham a criatividade em sintonia com a capacidade de pensar, como fabricar o próprio brinquedo, empinar a pipa, fazer bolhas de sabão ou rodar o pião, que, “às vezes são ocasiões de importantes descobertas” (KANT, 1999, p.56).

Nessa perspectiva, Tizuko Morchida (2010) ressalta que, o brincar é a principal atividade da criança, pois é brincando que ela expressa a sua individualidade, linguagem e identidade ao interagir com os pares mediada pela cultura. Para Vieira (2001, p.105), a criança sem perder a diversão durante os jogos e brincadeiras tomam decisões, expressam os seus sentimentos e valores, se apropriam da linguagem socializada, governa a si mesmas e os outros. Brincando sozinha ou em grupo, disto ou daquilo, as próprias crianças buscam melhorar as suas disposições, habilidades e a capacidade cognitiva (GALLAHUE, OZMUN, 2005).

Contando que, a educação física atende o ser corpóreo, para o ser pensante e pragmático está a educação intelectual. Conforme Kant (1999), essa arte refere-se cultivo das faculdades inferiores (memória, a imaginação e sensibilidade) em vista das faculdades superiores (razão, juízo e entendimento). Assim, os conteúdos das disciplinas escolares são úteis quando os alunos experimentam o pensar, aprendam a interrogar e a vivenciar a problematização, sejam de ordem históricas, sociais, econômicas, culturais ou naturais. É o que Kant espera das aulas de história, geografia, matemática, por exemplo, que o ensino-aprendizagem transcendam as meras memorizações, repetições e informações.

Ainda na educação física, Kant estabelece a relação entre educação e trabalho. “E onde a tendência ao trabalho poder ser bem mais cultivada que na escola?” (KANT, 1999, p.62). Segundo Pinheiro (2007), o filósofo não está defendendo o trabalho infantil, mas que nenhuma formação deve dispensar o cultivo da técnica. Aliás, é a própria natureza que coloca o labor como cultura obrigatória à conservação da espécie enquanto seres singulares e coletivos produtores de cultura.

Enfim, a arte física cuida, educa e desenvolve a criança para ser tornar um adulto saudável, robusto, unindo força com capacidade de pensar criticamente. Contudo, o ser humano como um animal sociável tem necessidade de educação moral. Educar para viver

em sociedade consiste em ensinar a criança a obedecer, controlar as inclinações egoístas, conservar a si mesma e a humanidade, a fim de tornar-se moral e esclarecida.

### 3. A formação moral do caráter infantil

Segundo Kant (1999, p. 28), “vivemos em uma época da disciplina, de cultura e de civilização, mas ela não é a da verdadeira moralidade.” Ser moral<sup>8</sup> e esclarecido define o cidadão que decidiu livremente em agir de acordo com os princípios morais da razão prática. A criança por não ter condições racionais para cuidar de si, nem de trançar o próprio destino, ela deve ser educada a alcançar a autonomia moral.<sup>9</sup>

Como não nascemos morais, nem bom e nem mal por natureza, pois tornamos humanizados pela cultura. Educar para agir moralmente caberá a educação moral, a qual forma o caráter na primeira infância. Para tal feito a educação disciplinar<sup>10</sup> prepara a entrada para instrução moral, enquanto a primeira, doma a selvageria da natureza humana pela coerção, a segunda, educa para ser responsabilmente livre, pensar criticamente, obedecer voluntariamente, avaliar e agir moralmente.

Como a primeira etapa negativa da educação física, “a disciplina transforma a animalidade em humanidade” (KANT, 1999, p.12). O educador combate os maus hábitos, evitando que o adulto latente na criança permaneça no estado selvagem, daquela vontade quer ser livre de qualquer lei (Luc Vicente, 1994, p.73). Os animais só poderão ser o que a Natureza requer deles, quanto o ser humano, ela não só dotou de instinto, também, de razão para que possa ser mais. Como bem sublinha Kant, na obra, *Ideia de uma história universal de um ponto de vista cosmopolita*:

*A natureza quis que o homem tire totalmente de si tudo o que ultrapassa o arranjo mecânico da sua existência animal, e que não compartilhe nenhuma outra felicidade ou perfeição excepto a que ele, liberto do instinto, conseguiu para si mesmo, mediante a própria razão* (KANT, 2011, p.6-grifo do autor).

---

<sup>8</sup> A moral (moralis) *strito senso* define-se como um conjunto de regras, valores e comportamentos, relativos no tempo-espaço de uma dada cultura ou sociedade, assim, a ação moral se submete à aceitação das normas sociais vigentes (CHAUI, 2013). Kant (2009) na obra, “*A Fundamentação da Metafísica dos Costumes*”, nos fala do sujeito moral, não como aquele obedece às exterioridades das leis civis, divinas ou costumes, mas que a vontade age segundo os imperativos categóricos ou morais da própria razão, significa que a avaliação e a ação moral (respeito pela dignidade humana), não deriva dos exemplos das experiências alheias. “Ou seja, a ação que se encontra no estado de moralização é aquela guiada por uma vontade que decidiu racionalmente e livremente assumir a lei moral como um dever de ação e, portanto, como um imperativo moral” (DALBOSCO, 2009, p.180). Uma das fórmulas fundamentais do imperativo categórico para Kant (2009) é: “age sempre em conformidade com uma máxima que desejarias que pudesse ser ao mesmo tempo uma lei universal”.

<sup>9</sup> “Cabe ao homem optar por guiar-se pela sua razão ou não. Mas ele será autônomo na condição de guiar-se pela razão, por isso a educação deve objetivar a racionalidade, isso porque o ser racional pode promulgar para si a lei universal e assim, ser autônomo” (ZATTI, 2007, p.32).

<sup>10</sup> “A disciplina é puramente negativa, porque é o tratamento através do qual se tira do homem a sua selvageria; a instrução, pelo contrário, é a parte positiva da educação” (KANT, 1999, p.13).

A arte de disciplinar visa eliminar a selvageria ou minimizar as condições animalescas do ser humano, não significa a negação total do lado sensível, afetivo e emocional, elevando a razão. O que Kant considera prejudicial são os apetites, desejos compulsivos, paixões e vícios que coloquem em risco a conservação da espécie humana (DALBOSCO, 2009). A ação pedagógica disciplinadora interfere nos pensamentos e ações físicas da criança pela força, para que ela aprenda a servir-se da razão e da liberdade da vontade.

A disciplina submete a criança a passividade, de apenas obedece às leis, regras e deveres, ordenados pelos pais, professores, educadores e cidadãos esclarecidos. Claro que, a obediência radical as ordens terminam por colocar em xeque a própria emancipação, a saber, a decisão do educando de sair do estado de menoridade. Daí de Kant (1999) estabelecer a distinção entre ser autoridade e ser autoritário, enquanto o primeiro trabalha a autonomia (razão) da criança, o outro em sua repressão.

Pode se dizer, então, que a disciplina é impositiva, jamais escravizante, servil, pois não objetiva o adestramento, mas a liberdade, o pensamento autônomo para o agir moral da criança. A coação da autoridade frente à liberdade da criança objetiva a superação da cultura, da civilidade e da moralidade sobre animalidade perversa. Esse processo da educação negativa, de obediência e coerção, precede a positiva, a cultura moral.

“O primeiro esforço da cultura moral é lançar os fundamentos da formação do caráter. O caráter consiste no hábito de agir segundo certas máximas” (KANT, 1999, p.96). Embora, essa arte pertença ao campo da educação física, a criança começa a aprender a fazer da liberdade<sup>11</sup> em relação a obediência das máximas do lar, da escola da sociedade. A prática pedagógica da constituição do caráter infantil se realiza através da obediência, veracidade e a sociabilidade.

Segundo Kant (1999), a obediência deve ser uma conquista da criança sobre si, acontecendo desobediência segue as punições físicas ou morais<sup>12</sup>. A primeira são os castigos sobre o corpo, ou não ceder algo que a criança deseja, enquanto a segunda,

---

<sup>11</sup> “1. É preciso dar liberdade à criança desde a primeira infância em todos os seus movimentos (salvo quando pode fazer mal a si mesma, pegando uma faca a afiada). 2. Deve-lhe mostrar que ela pode conseguir os seus propósitos, com a condição de que permita os demais conseguir seus propósitos. 3. É preciso provar que o constrangimento, que lhe é imposto, tem por finalidade ensinar usar bem da sua liberdade, que a educamos para que possa ser livre um dia, isto é, dispensar os cuidados de outrem” (KANT, 1999, p. 33).

<sup>12</sup> Toda transgressão de uma ordem por parte da criança é defeito de obediência, que acarreta punição. A punição é física ou moral. É moral, quando vai contra nossa inclinação de sermos honrados e amados, sentimentos estes que são dois auxiliares da moralidade. [...]. Por exemplo, se uma criança mente, o melhor é olhá-la com desprezo (KANT, 1999, 78). Já, “as punições físicas consistem em recusar o que ela deseja ou aplicar castigos” (KANT, 1999,79).

consiste em punir valendo dos sentimentos. Contudo, as punições morais devem ser preferidas, mas, caso a criança continue a desobedecer à força física será necessária, porém se for recorrente, “não se consegue mais formar um bom caráter” (KANT, 1999, p.78).

Com relação à veracidade na formação do caráter, as punições visam combater o mau hábito de mentir (KANT, 1999, p. 81). As causas da mentira infantil são variáveis, como a imaginação fértil, o medo de ser punida pela travessura, além da parte dos pais que admiram a esperteza ou engenhosidade dos seus filhos. A punição moral, também, deve ser preferível, excitando na criança os sentimentos de vergonha, desprezo e desconfiança da parte dos outros quando mente.

A sociabilidade como terceiro traço do caráter se cultiva diariamente com a cultura, principalmente nas instituições sociais. A criança aprende o limite de sua liberdade ao sentir-se submetida às mesmas regras que os demais, exemplo da educação escolar. Aliás, as crianças que crescem sem vínculo social têm mais dificuldade em lidar com as suas emoções, não cria laços afetivos, nem trabalha a empatia, perdendo um dos princípios mais prazerosos da vida social, a amizade (Kant, 1999).

Após a constituição do caráter avança-se para a sua consolidação<sup>13</sup>, propriamente para a educação prática ou moral. Nessa fase do processo educativo as disposições racionais da criança estão num estágio superior à cultura moral. Por ser uma fase de transição para a pré-adolescência, o educando aos poucos consegue abstrair conceitos das relações sociais, ou seja, entendimento para refletir e discutir questões éticas e morais. As categorias pedagógicas eleitas, aqui, são a habilidade, a prudência e a moralidade, que estão interligadas entre si (KANT, 199, p.85).

De forma breve Kant (1999) define a habilidade como a capacidade de extrair o melhor de si, ou seja, as virtudes ou valores. Enquanto, a prudência consiste em ser civilizado, aplicando a habilidade para a conquista dos próprios objetivos, por exemplo, ser gentil, empático, evitar conflitos banais e violências desnecessárias. Dando-o ênfase a moralidade<sup>14</sup>, como a espinha dorsal na consolidação do caráter moral, ela está intrínseca com o ensino e a prática dos deveres.

---

<sup>13</sup> Se quisermos solidificar o caráter moral das crianças, urge seguir o que segue. É preciso ensinar-lhe, da melhor maneira, através de exemplos e com regras, os deveres a cumprir. Esses deveres são aqueles costumeiros, que as crianças têm em relação a si mesmas e aos demais (KANT, 1999, p.89).

<sup>14</sup> A moralidade diz respeito ao caráter. *Sustine, obstine*: essa é a maneira de se preparar para uma sábia moderação. Se quer formar um bom caráter, é preciso antes domar as paixões. [...]. *Sustine*, quer dizer: *suporta e acostuma a suportar!* (KANT, 1999, p.86-grifo do autor).

*Aquele que não possui a idéia de dever não poderá aplicar praticamente as virtudes dos deveres a si e a outro, porque ignora de fato o respeito à lei e a idéia de humanidade em sua própria pessoa. Assim instruir a criança com deveres, fazer dela um ser racional, é uma necessidade, [...]. (PINHEIRO, 2007, p.118-grifo nosso).*

Ensinar a criança sobre os deveres para consigo consiste em reconhecer a dignidade humana em sua pessoa. Dada à diversidade de prazeres que a vida social tem a oferecer, nem todos convêm, como o uso abusivo de bebidas alcoólicas, voluptuosidade, luxúria, entre outros vícios (KANT, 1999). A ação pedagógica consiste em construir com a criança gradativamente o cuidado de si, o amor próprio, principalmente contra crimes bárbaros, como a automutilação e o suicídio.

Em relação aos deveres para com os outros, “deve-se inculcar desde cedo nas crianças, o respeito e atenção aos direitos humanos e procurar assiduamente que ponha em prática” (KANT, 1999, p.90). A criança deve aprender a ser generosa com os menos afortunados, a respeitar a todos, sem qualquer distinção de classe, crença, ideologia e etnia. Todavia, elas agem a princípio por imitações e, outras malvadezas são tão inocentes quanto elas, mas há casos de maus-tratos aos semelhantes em que as punições não deveriam ser atenuadas.

Côncio do ser e devir criança, Kant (1999) não defende que ela tenha um caráter de adolescente ou adulto, sim, de criança. O mundo infantil tem sua própria identidade, percepção, linguagem e entendimento, querer aplicar o juízo de adultos sobre os juízos das crianças, “no final das contas, concebem o dever como algo cuja transgressão acarreta castigo” (KANT, 1999, p.81). O filósofo não está entrando em contradição, de que seria trabalho perdido ensinar os deveres na infância, visto ser, a heteronomia moral a educação obrigatória e necessária de toda a cultura.

A pedagogia moral kantiana almeja o cidadão que decida agir segundo os imperativos morais da razão<sup>15</sup>. Caso tivesse que ser dirigido por leis externas a todo tempo, consultado as razões alheias sobre o que é bom e mal, viveria no plano da heterônoma, não da moralidade. Ainda que, a educação não garanta que a criança se torne moral (por ser uma decisão pessoal), a formação do caráter oferece as condições necessárias para que ela encontre em si mesma a humanidade, motivo esse para escolher ser moral e esclarecida.

---

<sup>15</sup> Cabe ao homem optar por guiar-se pela sua razão ou não. Mas ele será autônomo na condição de guiar-se pela razão, por isso a educação deve objetivar a racionalidade, isso porque o ser racional pode promulgar para si a lei universal e assim, ser autônomo. (ZATTI, 2007, p.32).

## **Considerações Finais**

Concluirmos com a pergunta: qual o lugar, hoje, do pensamento pedagógico de Kant? De fato, a princípio um filósofo que viveu em tempo-espaço, contextos diferentes da nossa realidade educacional parece não contribuir em nada. Essa mesma questão pode se dirigir a outros filósofos clássicos que trataram sobre a educação, exemplo de Platão, Aristóteles, Comenius, Jean-Jacques Rousseau, Nietzsche, para continuarmos no estrangeirismo.

Um filósofo ou mais vêm à tona quando os problemas de ordem epistemológica, política, moral, metafísica, que se depararam e solucionados de diversas maneiras, também vêm (PORTA, 2014). Retornar a reflexão daqueles que não só passaram por experiência, mas que também, dedicaram a temas e problemas que perdura em nossos dias, significa orientar no pensamento por conceitos, problematizações, soluções, a fim de que possamos pensar os nossos problemas, criar conceitos e propor soluções. Por isso, a filosofia é atemporal, não perdendo jamais a sua atualidade.

Assim, Kant não fornece um modelo completo de educação, pois sabe que isso é impossível, nem mesmo sistematiza como Jean Piaget (2007) as fases do desenvolvimento infantil. Entretanto, o filósofo como educador nos traz importantes considerações sobre a educação. Ao começar pela arte física, apresenta orientações sobre os cuidados prestados as crianças, num tempo que nem se pesavam em creches. Além disso, as suas considerações sobre o desenvolvimento do corpo e do intelecto, sem dispensar a diversão, através de jogos e brincadeiras, são propriamente categorias primordiais para com a educação infantil.

Um dos princípios pedagógicos de Kant (1999) refere-se a natureza humana como a única criatura que precisa ser educada. Logo, a educação física está para a primeira, como a educação moral para a segunda. Entretanto, não basta ter um corpo forte, saudável, é preciso saber viver em sociedade, daí de domar as inclinações animais que coloquem em risco a sociabilidade moral.

A passagem da consciência animal instintiva para racional e moral ocorre a princípio pela educação disciplinar, a qual coage a criança a obedecer às máximas exteriores do lar, da escola, da humanidade. Isso porque, embora nascemos livres, não temos condições de eleger o que é bom ou mal, ou seja, de sermos justos e morais. A moralidade em certa medida é uma construção histórico-cultural, transmitida de geração a geração, mediante as experiências, com erros e acertos.

Aliás, Kant nos fala de uma destinação da espécie humana, a humanização moral. O filósofo não está ideologizando a educação alemã ou qualquer outra, até mesmo porque a moralidade como ideal de perfeição a ser conquistado pertence a humanidade na individualidade de cada um de nós. Por sermos dotados de sensibilidade e racionalidade podemos ser educados, a saber, extrair princípios universais que regularam nossos pensamentos, ações e avaliações nas relações públicas e privadas.

Por que, então, Kant não seria atual? Da mesma forma que educadores brasileiros já fizeram no passado, exemplo de Anísio Teixeira (1900-1971), continuamos a pesquisar, propor modelos ou projetos de educações para a emancipação, a cidadania e a ética com os educados. Para tanto, política e ética são indissociáveis, pois somente cidadãos livres e morais, de geração a geração poderão levar pela arte de educar a espécie humana a sua destinação cosmopolita

A filosofia educacional de Kant preza pela dignidade humana, a empatia, a solidariedade, sem dispensar a ciência e a técnica. Enfim, a educação é um ideal de perfeição, com obstáculos, políticos, econômicos, educacionais, principalmente humanos. O mais difícil já superamos, a saída do estado sem lei, selvagem para a civilidade moral. Por isso, se prefere chamar de utopia toda educação que vise a paz, o amor e harmonia entre os povos, podemos dizer é uma utopia possível de ser realizada.

## Referências bibliográficas

- BOTO, Carlota. **A escola do homem novo: entre o Iluminismo e a Revolução Francesa**. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1996.
- BRESOLIN, Keberson. **A filosofia da educação de Immanuel Kant: da disciplina à moralidade**. Caxias do Sul, RS: Educus, 2016.
- CHAUI, Marilena. **Iniciação à Filosofia: ensino médio**. 2.ed. São Paulo: Ática, 2013.
- DALBOSCO, Claudio A. **Kant & a Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.
- DORNELLES, L.V. **Na escola infantil todo mundo brinca se você brinca**. In: CRAIDY, C. M.; KAERCHER, G. (Orgs.). Educação Infantil: pra que te quero? In: VIEIRA, Leni. **Na escola infantil todo mundo brinca se você brinca**. Porto Alegre: Artmed, 2001. p. 101-108.
- GALLAHUE, David L; OZMUN, John C. **Compreendendo o desenvolvimento motor: bebês, crianças, adolescentes e adultos**. 3. ed. São Paulo, SP: Phorte, 2005.
- KANT, Immanuel. **A resposta à Pergunta: Que é Esclarecimento (Aufklärung)**. In \_\_\_. Immanuel Kant Textos Seletos. Tradução: Floriano de Souza Fernandes. 2ª ed. RJ; Petrópolis, Vozes, 1985. p.100-117.
- \_\_\_\_\_. **Fundamentação da metafísica dos costumes**. Tradução: Guildo Antônio de Almeida. Discurso Editorial: Barcarolla, São Paulo, 2009.
- \_\_\_\_\_. **Idéia de uma história universal de um ponto de vista cosmopolita**. Tradução: Ricardo R. Terra. 3. ed. São Paulo, SP: WMF Martins Fontes, 2011.
- \_\_\_\_\_. **Sobre a pedagogia**. Trad. Francisco Cock Fontanella. Piracicaba: Unimep, 1999.
- KISHIMOTO, Tizuco Morchida. **Brinquedos e Brincadeiras na Educação Infantil**. ANAIS DO I SEMINÁRIO NACIONAL: CURRÍCULO EM MOVIMENTO – Perspectivas Atuais Belo Horizonte, novembro de 2010.
- NISTA-PICCOLO, Vilma; WEY, Wagner. **Corpo e movimento na educação infantil**. 1ª ed. Cortez, São Paulo, 2012.
- PIAGET, Jean. **Epistemologia genética**. 3. ed. São Paulo, SP: M. Fontes, 2007.
- PINHEIRO, Celso. **Kant e a Educação**. Caxias do Sul, RS: Educus, 2007.
- PORTA, M. A. G. **A filosofia a partir de seus problemas: didática e metodologia do estudo filosófico**. 4ª ed. São Paulo: Loyola, 2013.
- SANTOS, Marcos. **A Pedagogia Filosófica do Movimento Iluminista no Século XIII e Suas Repercussões na Educação Escolar Contemporânea: Uma Abordagem Histórica**. Imagens da Educação. v. 3, n. 2, p. 1-13, 2013.

VICENTE, Luc. **Educação e Liberdade em Kant e Fichte**. Tradução: Élcio Fernandes. São Paulo, Unesp, 1994.

ZATTI, Vicente. **Autonomia e educação em Immanuel Kant e Paulo Freire**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2007.